OPINIÃO

A dignidade não se compra

Por Armando Marques, vice-presidente da Direcção da CTOC

Só o homem tem dignidade; por isso, somente o homem pode ser ridículo
John Knox

Sob os títulos «O lápis» e «Compre-se também a fidalguia», um assíduo articulista do "Semanário Económico" abordou, nas últimas edições, questões relacionadas com os TOC e com a sua entidade reguladora – a Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas.

Não é que seja vedado a qualquer colunista abordar aquele ou outros temas, mas a forma acintosa e, em algumas passagens, insultuosa para os TOC, não me aconselha a manter prudente silêncio, porque as declarações atingem uma classe profissional, com prestígio reconhecido pela sociedade civil, granjeado pelo esforço do seu trabalho.

Ao ler o primeiro artigo, e na procura de motivos para a sua justificação, dei por mim a concluir que o sentimento de "asa ferida" não é propriamente o melhor estado de espírito para comunicar e explanar uma visão aturada sobre certas questões.

Ao ler o segundo, veio-me à memória um provérbio popular que nele assenta como uma luva: «Quem te manda sapateiro tocar tão mal rabecão?...»

E assim é. Quando se fala de assuntos que não se dominam, corre-se o risco de cair aos trambolhões da altaneira cátedra ao lugar do famigerado sapateiro que, manifestamente, não está fadado para tocar rabecão.

Questiona-se, no primeiro artigo, quem é que define o interesse manifesto para a profissão de Técnico Oficial de Contas. Esta questão, não tanto ao nível doutoral, revela um manifesto desconhecimento do enquadramento da estrutura, funções e objectivos definidos pela Assembleia da República – quanto às instituições de regulação profissional, na qual, obviamente, se integra a CTOC.

O "lápis", que tanto diz gostar (aquele de borracha na ponta), de duas, uma: ou não o usa ou, então, a borracha está muito gasta, pois perdeu uma excelente oportunidade de corrigir o que erradamente escreveu.

Embora no primeiro artigo se vislumbre um desconhecimento da matéria abordada, no segundo ultrapassa-se os limites da boa convivência, ficando-se com a sensação de discurso encomendado.

Nada que nos surpreenda, já que segundo o articulista «tudo se compra». O que não se compra é a dignidade e a honra de 76 mil profissionais que não merecem ser rotulados de irem para as acções de formação «bater uma boa soneca» ou «ler "A Bola"», pior ainda quando criticados por uma pessoa que, cremos, nunca lá pôs os pés.

Os TOC são os responsáveis pela determinação dos quantitativos fiscais que gerem o país, bem como de toda a informação financeira das empresas. E, ainda por cima, para pagar a mentes tão iluminadas, como se intitula o articulista, não pode ser mais insultuosa a afirmação que estes profissionais «nada perceberam do que se disse» na formação. A pessoa em causa demonstra uma preocupação excessiva quanto às questões monetárias, o que está de acordo com o texto do seu artigo, uma vez que ele se intitula, «Compre-se também a fidalguia».

Mas isso, embora estando na base da sua própria formação, intrigou-me profundamente, já que para aquele tudo é alvo de negociação tendo em vista atingir objectivos, fiquei com uma dúvida enorme: será que também, sendo o articulista docente de muitos dos nossos futuros profissionais, os seus diplomas terão sido obtidos por mérito? Essa é uma dúvida que nos assalta, pela forma meramente mercantilista como aborda assuntos de grande responsabilidade. ■